



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

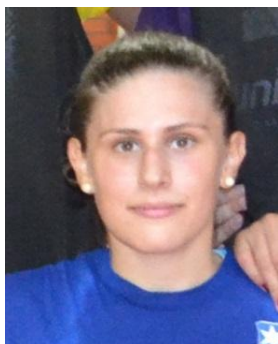
THAIS REGINA DE MELLO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-394

Entrevistada: Thais Regina de Mello

Nascimento: 07/12/1991

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul

Entrevistadora: Daniela Romcy

Data da entrevista: 20/04/2014

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Total de gravação: 22 minutos e 44 segundos.

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória do Handebol; Profissional do Handebol; Momento que se viu como uma profissional do Handebol; Desvalorização do Handebol; Público dos jogos; Importância da presença da torcida nas arquibancadas; Confederação Gaúcha e Federação Brasileira de Handebol; Liga Nacional; Falta de divulgação do Handebol; O que é possível fazer para que a modalidade ganhe maior destaque; Trajetória da seleção brasileira de handebol até os resultados de hoje; Diferencial da modalidade; Campeonatos importantes; Recado para as meninas que sonham em jogar handebol; Considerações finais.

Porto Alegre, 20 de março de 2014. Entrevista com Thais Regina de Mello a cargo do/a pesquisadora Daniela Romcy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.R. - Boas tarde Tais. Queria que tu contasses um pouco da tua trajetória dentro do Handebol. Quando que tu começaste a praticar? Qual foi o primeiro clube que tu jogaste? Essas coisas.

T.M. – Eu comecei no Handebol por incentivo do meu pai, porque antes eu jogava Futsal. Teve um dia que meu pai me levou em uma peneira na Ginástica em Novo Hamburgo. Passei na peneira e comecei a treinar no time, e desde então faz treze anos que estou jogando. Comecei na Ginástica em Novo Hamburgo, fiquei uns oito anos eu acho, até completar o ensino médio, ai depois tive que sair porque lá não tinha mais time adulto. Ai eu fui para o Santa/Feevale¹, ai lá joguei também e comecei a fazer faculdade.

D.R. – E como é que foi esse processo de sair do ensino médio e ir para o Santa/Feevale, tem peneira?

T.M. – É, para jogar pela Feevale² e conseguir bolsa e participar de campeonatos é preciso passar por uma peneira. Nessa peneira são selecionadas dezoito meninas que ganham bolsa de estudos ao entrar. Fiz a peneira e passei. Nesse tempo que eu estou no Handebol eu já fui para quatro seletivas da Seleção e fui convocada para a Seleção brasileira, em 2005. Fomos para o Paraguai jogar a Sul-Americana, onde saímos campeãs. Foi uma experiência bem legal, até porque eu nunca tinha viajado sozinha, então, foi minha primeira viagem de avião sozinha, foi uma experiência bem legal. Em 2011 fui jogar em São Paulo, primeira vez que fui morar fora, morei sozinha, fiquei um ano lá. O nível de Handebol lá é bem diferente daqui, os treinamentos também são diferentes. Mas foi bom, comecei a ficar mais independente, cuidar da minha vida, aprende a fazer as coisas sem precisa de pai ou mãe. Também joguei em Capão da Canoa, joguei aqui pela UCS³, mas foi um ano e para jogar o Brasileiro. Então, depois que voltei de São Paulo joguei no Santa/Feevale por dois anos e agora estou na UCS. Graças a Deus, desde que eu jogo Handebol nunca tive lesões de

¹ Equipe de Handebol de Novo Hamburgo (RS).

² Universidade Feevale, Novo Hamburgo (RS).

ligamento, romper, joelho, ombro, nada, só coisas básicas, torcer tornozelo, torcer três dedos de uma vez só, mas coisas básicas. Estou até hoje e pretendo continuar até não poder mais.

D.R. – Em que clube tu jogou em São Paulo?

T.M. – Em São Paulo, no São José dos Campos.

D.R. – O que tu consideras ser uma profissional de Handebol, uma atleta de Handebol?

T.M. – Quando tu queres levar isso para a tua vida, tu quer que seja o teu divertimento, mas também o teu compromisso, que não seja só um lazer, mas onde tu te dediques. É vir todo dia nos treinos, querer crescer, conhecer coisas novas, isso o Handebol pode te proporcionar. Não é só aprendizado dentro de quadra, tu podes conseguir muito mais coisas, tanto que é com o Handebol que ganho minha faculdade. Se não fosse o Handebol, não teria condições de pagar uma faculdade. Estudei em escola particular através do Handebol, coisas que eu não teria conseguido se não estivesse no esporte. Muita coisa que eu tenho hoje é por causa do Handebol e pretendo conquistar muito mais coisas jogando Handebol.

D.R. – E quando que tu te viste uma profissional do Handebol?

[INTERRUPÇÃO]

T.M. – Foi quando eu saí de casa pela primeira vez, que fui morar fora. Foi nesse momento que caiu a ficha, que era isso mesmo que eu queria, que quero continuar fazendo. Claro, também quero ter outra carreira depois que eu concluir a faculdade. Mas gostaria de conciliar a vida de atleta com minha outra profissão. Eu acho que a partir do momento que saí de casa, que vi que era um compromisso que eu tinha e que eu tinha que sair de casa para isso, vi que realmente era uma profissão.

³ Universidade de Caxias do Sul (RS).

D.R. – Qual a principal dificuldade que tu achas que tem uma pessoa que quer viver do Handebol e ser uma profissional do esporte?

T.M. – Alguma dificuldade? Temos um problema que é o fato de o Handebol ainda não ter chegado ao seu auge. Por não ser tão valorizado como o Futebol, Voleibol, essa pouca visibilidade do Handebol, ninguém sabe o que é, daí fica difícil. Enquanto atleta, fazemos de tudo para que o Handebol evolua, chegar a um bom nível, ter atletas mais competentes, elevar. O Handebol está precário, tanto que quase não se vê na televisão. Tivemos uma ótima oportunidade no final do ano passado, quando o Brasil conquistou o Mundial, esperamos que traga inovações, visibilidade e que se torne acessível a todos.

D.R. – Como é que tu vê a presença do público em competições?

T.M. – É meio difícil lotar um ginásio quando tem jogo de Handebol. Aqui, por exemplo, geralmente vem bastante gente porque comunicamos através do site, boca a boca, no jornal, às vezes sai na TV, e tem muitos amantes do handebol por todo canto. Chama a família, amigos, ex-atletas de Handebol, pessoal do colégio, faculdade. Quando a gente vai para campeonatos fora daqui, claro depende muito do lugar aonde tu vais, digamos, se é uma cidade do interior, longe da capital, é bem difícil lotar. Jogando a Liga Nacional, às vezes jogamos partidas que tem dez, vinte pessoas na arquibancada, e em outras cidades lota o ginásio. Lembro-me de um campeonato, a Liga Nacional em Novo Hamburgo. Que foi no Rincão, mas faz bastante tempo, que encheu os dois lados da arquibancada, foi um momento único.

D.R. – Foi com o time feminino?

T.M. – Foi com o time feminino. Mas geralmente para encher arquibancada só em campeonatos com várias modalidades, porque vão todas as equipes, todo mundo assiste e é melhor de jogar. O incentivo para jogar é muito maior, porque tu olhas para a arquibancada cheia, gente que está torcendo por ti, gente torcendo contra, é legal. A torcida ajuda muito, tu ver a arquibancada cheia de gente, mesmo que não torçam, mas estejam ali olhando, influência muito.

D.R. – Como que tu enxergas o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol, no cenário do handebol feminino?

T.M. – A Federação Gaúcha faz o que pode para nos ajudar, no Rio Grande do Sul temos poucas equipes adultas, temos duas na verdade, o Santa/Feevale e a APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

D.R. – E essa de Capão da Canoa que tu falaste anteriormente.

T.M. – Só categoria de base.

D.R. – Ah, era categoria de base.

T.M. – As maiorias das equipes que tu tens aqui são de categorias de base. Acho que falta incentivo para montar mais equipes. A uns seis, sete anos atrás, o número de equipes no estadual era bem maior, chegava a umas sete, oito equipes. Hoje para fazer um estadual temos dois times, às vezes três, contando o time Juvenil Junior do Inter que joga pelo adulto para ganhar experiência. Nesses últimos anos a Confederação Brasileira me pareceu meio perdida, tanto que a Liga Nacional ano passado não funcionou muito bem, mal organizada. Fizeram de uma forma que nunca tinha sido feito antes, se enrolaram um pouco, era para ter começado em maio, foi indo, chegou setembro e não tinha começado ainda. Esse ano eles pretendem fazer como sempre foi, jogos de ida e volta. A gente sempre ficava com a expectativa de começar na metade do ano, quando vê está no fim e não começou ainda. Fica muita carga de jogo, dois, três jogos por semana, fica puxado.

D.R. – Como é que a média de times no campeonato brasileiro? Quantos?

T.M. – A Liga Nacional são doze equipes. Com um jogo em casa e um jogo fora. Contra as doze equipes. É o campeonato com o maior numero de equipes, até porque, para sair a Liga tem um número mínimo de times. E é bom porque o nível dos times é alto sabe, sai bons jogos, bem disputados.

D.R. – Como tu enxergas as estratégias de marketing para divulgação do Handebol? Pensando na visibilidade, nos meios de comunicação, patrocínios.

T.M. – Não tem muitos, a gente sai na rua e é quase impossível tu ver alguma coisa de Handebol. O que a gente faz é divulgação pela internet, é o que mais vemos. Mas não vê na televisão, na rua, em jornal, e geralmente só sai quando parte de nós irmos até o jornal e colocar que vai ter campeonato ou ganhamos algo. Seria bom sair mais, porque traria mais visibilidade para o esporte, o que não tem muito. Como te disse, Handebol não está no nível que todo mundo queria, ele está bem abaixo, esperamos que ele aumente. Estamos fazendo tudo o que podemos pelo Handebol, não queremos que ele fique lá em baixo, queremos que ele suba, que chegue ao nível do vôlei, que também não é muito, mas tem muito mais visibilidade que nós.

D.R. – O que o Brasil pode fazer para que as atletas não precisem sair do Brasil para jogar, que elas possam ter um campeonato competitivo aqui, com mais equipes, com mais público?

T.M. – Poderia ter mais campeonatos brasileiros, tanto no adulto como nas categorias de base, ter mais incentivo para os clubes do Brasil. Porque muitos não têm dinheiro nem para base, então imagina o adulto. Não conseguindo fazer o adulto, dificulta para as atletas que querem continuar. Quando uma continua e se destaca em um time, ela vai querer mais, porque o nível aqui está baixo e para ela ganhar mais títulos, ir para Seleção, acaba indo para fora. Lá fora o nível do Handebol é muito melhor do que aqui. Joguei a Bárbara⁴, que é a goleira da seleção, ela jogava no Santa Catarina⁵, treinou lá por muito tempo, depois ela falou que queria evoluir, queria crescer mais no Handebol e disse que a oportunidade que ela tinha era ir para fora, ainda falou: “Essa é a única chance que eu tenho para crescer, para chegar no nível que eu quero”. Acabou indo e conseguindo o que queria. Porque no Brasil tem poucos campeonatos, os poucos que tem time adulto não estão em um nível tão alto. Muito porque falta um incentivo, para os times a gente ganha uma ajuda de custo, que é pouco, justamente porque não tem a verba necessária. Aí acaba que as atletas resolvem ir para fora porque a ajuda de custo lá é maior.

⁴ Bárbara Elisabeth Arenhart.

⁵ Colégio Santa Catarina, Novo Hamburgo (RS).

D.R. – Como que tu vês esse crescimento das mulheres do Handebol, desde que tu começaste?

T.M. – Quando comecei não acompanhava muito, porque não tinha muita noção. Fui acompanhar mais quando cheguei ao adulto. O Brasil remou muito para conquistar tudo o que conquistou hoje, e isso tudo por causa das atletas mesmo, pela evolução de cada atleta que chegou à Seleção. Tem atletas que estão a muito tempo na Seleção, uma peça fixa, de confiança do técnico. Mas para chegar a esse nível tudo começa na tua base, se não tiver dedicação e amor pelo que faz. O meu objetivo, acho que todos que estão jogando Handebol nos seus clubes é chegar à seleção, e para chegar lá tem que dar o teu melhor nos treinos e nos jogos para poder fazer a diferença e poder aparecer. Acho que é isso.

D.R. – Tem uma pergunta que eu fiz para todas as meninas, que não está aqui, mas achei pertinente fazê-la. Por que dentre as possibilidades de esportes que tu tinhas, tu achas que o Handebol foi a tua escolha?

T.M. – Foi por eu achar um esporte diferente. Até porque o Futebol tu larga uma bola e todo mundo sabe jogar, sabe chutar no gol. Vôlei, não gosto porque eu acho muito parado, sem contato e Handebol é, sei lá, tem muita adrenalina, tu corres, faz gol. As pessoas comentam: “Ah, jogar Handebol é só pegar a bola, arremessar no gol que é gol”. Mas não é assim, todo mundo acha que é fácil, mas não sabe que tem que passar por uma defesa e por uma goleira e não é fácil ir ali fazer uma finta e passar, é toda uma dinâmica do Handebol que faz com que eu goste muito. Porque no Handebol, quando estou em quadra tento superar os meus limites. E no Handebol quando tu achas que estas no auge, percebe que tem muita coisa para aprender. Eu já estou a treze anos, nunca parei, então eu acho que não tem nenhum outro esporte que eu gostaria tanto de fazer como o Handebol, é o diferenciado de todos.

D.R. – E conta um pouquinho mais dessas competições que tu já participaste, treze anos no Handebol é muita coisa, devem ter muitos campeonatos na bagagem.

T.M. – É, já joguei muito. Quando era pequena, os campeonatos mais jogados foram os estaduais, entre eles, o Curitiba Cup⁶, o Itajaí⁷, Mercosul⁸, Copa do Brasil, campeonatos brasileiros, campeonato com a Seleção. Mas o campeonato que mais cresci e aprendi foi a Liga Nacional. O nível da Liga Nacional é muito diferente de outros campeonatos, sem contar que jogamos com times do país inteiro, tanto que esses times buscam atletas de fora, então a gente joga contra mulheres mais velhas, com muito mais experiência, e eu, por ser nova, nossa! Isso acrescenta muito para mim enquanto atleta de Handebol.

D.R. – O que vocêalaria para uma menina que está começando no Handebol e gostaria de fazer do esporte sua profissão?

T.M. – Que se ela realmente gosta de jogar Handebol, que não pare, pois, isso vai trazer muitas coisas para a vida dela, tanto na vida profissional, como na vida social. Vai ganhar muitas coisas, talvez coisas que ela nunca imaginou ter, ela vai poder ter, e se ela quer chegar a uma Seleção, ela vai ter que dar muito duro, e nunca desistir do que quer, se ela quer mesmo ela vai correr atrás, ela vai conseguir, porque quem se esforça consegue e não para, continua jogando, é isso.

D.R. – Obrigada Taís, gostaria de compartilhar mais alguma coisa que tu não falaste?

T.M. – Não, era isso mesmo.

D.R. – Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁶ Curitiba Internacional Cup .

⁷ Itajaí Handball Cup.

⁸ Copa Mercosul de Handebol, realizada pela primeira vez no ano de 1995.